

LEGUMINOSAS

ESCRITO POR:

HIVAN MARTINEZ

CAPÍTULO 02

Jamaica



CAPÍTULO 2

JAMAICA

CENA 1 – HOSPITAL/QUARTO/INT./MANHÃ

A cena já inicia com a entrada de Sasha, ela está vestindo o uniforme de enfermeira, ela caminha até Alita e demonstra alegria ao vê-la acordada.

SASHA: Desculpe entrar assim, eu precisava ver como estava a paciente.

Dicário se recompôs enquanto limpa as lágrimas ele caminha até a janela.

SASHA: Vejo que já está acordada, vou apenas adicionar uma medicação.

Sasha pega uma seringa e prepara o medicamento.

Alita permanece encarando Dicário ao longe sem entender nada, logo a sua frente a enfermeira prepara-se para agir.

Antes que Sasha aplique o medicamento, alguém bate na porta, interrompendo o processo. O médico entra logo em seguida.

MÉDICO: Está tudo bem por aqui?

Ele confere o prontuário médico de Alita, e encara Sasha.

MÉDICO: Qual medicação você está fazendo?

SASHA: É apenas um ansiolítico...

MÉDICO: Eu não descrevi nada disso, a paciente está bem e já pode receber alta.

Trêmula Sasha baixa a cabeça.

SASHA: Eu sou nova aqui, queira me desculpar.

Sem muitas perguntas ela deixa o quarto e o médico permanece para falar com Alita e Dicário.

CENA 2 – IMAGENS AÉREAS DE CAPINAS SP/TRANSIÇÃO DE CENAS

Ao som de “SAUDADE – KAROL CONKA” imagens da cidade são mostradas.

CENA 3 – CASA DE LUNARA/COZINHA/INT./MEIO DIA

O cômodo silencioso era preenchido pelo som da chama do fogão acesa enquanto aquecia a comida, era possível ouvir a água fervendo, a câmera revela o rosto de uma mulher que aparenta ter pouco mais de quarenta anos, seu rosto suado, pelo calor excessivo que fazia aquele dia. Ela preparava o almoço com maestria, sem expressar o mínimo de alegria ou contentamento, pelo contrário, era possível perceber uma expressão de agonia.

Aquela mulher se chamava Lunara Santos, sua preocupação naquele exato momento era com seu marido Aderbal, a relação dos dois estava desgastada, e ela lamentava sem fazer ruídos.

O silêncio completo é cortado pela chegada abrupta de Jamaica, a jovem é filha adotiva de Lunara e Aderbal. Ela se aproxima de sua mãe e a abraça.

LUNARA: Saiu mais cedo do trabalho?

JAMAICA: Sim.

Jamaica força um sorriso.

JAMAICA: Eu ouvi o papai brigando contigo ontem.

LUNARA: Tu sabe que eu to fazendo o que eu posso.

JAMAICA: Eu sei mãe, não é sua culpa.

Nesse exato momento Lunara começa a chorar, Jamaica a consola.

CENA 4 – CASA DE LUNARA/COZINHA/INT./MEIO DIA

Um corte rápido e as duas estão sentadas à mesa, as duas almoçavam em um profundo silêncio, havia breve troca de olhares, como se existisse algo que uma queria dizer a outra, mas se detinham no meio do caminho.

A cena seguiu-se assim, num profundo silêncio, sendo conduzida apenas pelo som dos talheres e mastigação.

CENA 5 – PRESÍDIO/SALA/INT./TARDE

Angélica é conduzida até uma sala, onde uma mulher está sentada a sua espera.

PETRA: Boa tarde.

Ela estende a mão e Angélica a cumprimenta brevemente.

PETRA: Eu sou sua advogada, vou te tirar daqui.

ANGÉLICA: E meus pais? Onde eles estão?

Ela começa a chorar.

PETRA: Eu lamento, mas tanto seu pai quanto sua mãe estão mortos.

Angélica a encara incrédula.

ANGÉLICA: Não, isso não pode ser verdade.

Angélica começa a chorar desesperadamente, em alguns flashes ela conseguia recordar que durante a festa seu pai estava caído no chão enquanto ela era conduzida pela polícia. Uma dor indescritível tomava conta de seu peito naquele momento, era como se ele estivesse apertado e não batesse mais, ela colocou a mão sobre o peito, as lágrimas corriam silenciosamente, ela levantou, pensou em jogar-se no chão, mas optou a correr para os braços daquela mulher.

Petra a acolheu em um abraço forte. A advogada também chorou comovida com a triste trajetória daquela jovem.

Algum tempo depois, elas estão novamente sentadas. Angélica não expressava mais nada, era como se estivesse morta, seu olhar era vazio, ela encarava a parede logo atrás de Petra, que permanecia a encarando.

PETRA: Eu pedi seu habeas corpus preventivo, tu deve sair da cadeia hoje mesmo, e aguardar seu julgamento em liberdade.

Angélica não disse nada.

PETRA: Está me ouvindo?

ANGÉLICA: Sim.

PETRA: Eu preciso ir agora, tu vai ficar bem?

ANGÉLICA: Sim.

As duas se despediram ali, sem nenhuma formalidade, Petra apenas tocou o ombro de Angélica enquanto se dirigia para a porta.

PETRA: Eu sinto muito.

A advogada deixou o cômodo, Angélica foi conduzida novamente para sua cela.

CENA 6 – BAR/INT./TARDE

Aderbal, um homem que tem cerca de 50 anos, talvez um pouco mais, está com a barba por fazer, seu rosto castigado pelo sol lhe providenciou rugas e marcas profundas. Ele está abatido, sentado em frente a uma mesa e um copo de cachaça na mão.

O homem leva o copo até a boca para beber mais um gole, mas subitamente alguém segura seu braço, ele encara seu velho amigo, Jocastro.

JOCASTRO: Acho que tu já pode parar por agora, né?

Aderbal encara Jocastro.

ADERBAL: Não, eu só vou parar depois que eu estiver acabado.

Aderbal começa a chorar.

Jocastro se comove com as lágrimas do amigo.

JOCASTRO: O que é que está acontecendo?

ADERBAL: Eu estou em uma crise com Lunara. – Uma pausa dramática dá ênfase ao sentimento de angústia que ele sentia naquele momento. – Eu sinto que ela pode querer o divórcio.

A expressão de Jocastro pareceu um tanto estranha ao receber a notícia, mas Aderbal não conseguiu perceber, as palavras foram silenciadas com um abraço entre os dois, Jocastro pediu para fechar a conta e conduziu o amigo até em casa.

Durante o caminho o silêncio tomava conta, os dois não falaram mais nada, Aderbal não fazia questão, ele estava bêbado, estava enjoado, só queria deitar numa cama e dormir, enquanto que ao lado, Jocastro caminhava com passos cansados, o pensamento perturbado, e também não queria falar nada.

CENA 7 – CASA DE LUNARA/SALA/INT./TARDE

Lurana está sentada segurando uma pequena fotografia, quando alguém bate na porta, imediatamente ela levanta e corre abrir.

Ela depara-se com Jocastro ao lado de Aderbal, sua expressão é de surpresa, mas imediatamente ela pede para que os dois entrem.

LUNARA: Eu realmente não esperava por visita a essa hora.

Aderbal faz uma cara de nojo e sem poder se conter ele despeja todo o vômito que vinha segurando durante o caminho, o vômito jorra de sua boca diretamente na blusa de Lunara, escorrendo aquele líquido amarelado e com forte odor até seus pés.

Aderbal cai de joelhos e Jocastro o segura pelo ombro.

JOCASTRO: Meu Deus! Ele está podre de bêbado.

Lunara fica enojada com todo aquele vômito em cima dela, mas ajuda Jocastro a levantar Aderbal.

LUNARA: Por favor, Jocastro, me ajude a levar ele até o banheiro.

Com dificuldade os três caminham até o banheiro.

CENA 8 - ESTACIONAMENTO/RECEPCÃO/INT./TARDE

Era em um estacionamento particular em que Jamaica trabalhava como recepcionista, ela ficava em uma pequena sala, atendia telefonemas, atendia os clientes que deixavam seus carros, e também anotava recados.

Aquele era mais um dia comum de sua rotina, ela permanecia sentada em sua cadeira enquanto mexia no computador, ela gostava de ficar atualizada nas redes sociais. Ela estava distraída quando uma voz chama sua atenção.

CLARA: Boa tarde.

Jamaica encara Clara pelo vidro, que permitia a comunicação com os clientes pelo lado de fora.

Jamaica cordialmente sorri.

JAMAICA: Boa tarde, em que posso ajudá-la?

CLARA: Tu é a Jamaica Santos?

JAMAICA: Sim.

CLARA: Eu me chamo Clara, sou detetive particular, eu vim falar contigo uma assunto muito delicado.

JAMAICA: Sobre o que?

Jamaica fica levemente preocupada.

CLARA: Eu fui contratada por sua mãe, ela me pediu para falar contigo, porque ela não conseguiria...

Naquele exato momento Jamaica fica extremamente nervosa, ela levanta rapidamente e vai até a porta abrindo e saindo para o lado onde Clara estava.

JAMAICA: Eu gostaria que me contasse o que está acontecendo, o que houve com minha mãe?

CLARA: Não se preocupe, está tudo bem com sua mãe, não aconteceu nada de ruim com sua família.

JAMAICA: Mas então?

CLARA: Antes de você nascer, seus pais tiveram outro filho.

Jamaica fica nervosa, não conseguia compreender o que estava acontecendo.

JAMAICA: Por que? Por que a minha mãe nunca me falou isso?

Jamaica fica trêmula, a emoção enche seus olhos.

CLARA: Ela pensou que esse filho estivesse morto, e foi por isso que ela me contratou, para descobrir seu paradeiro, ela me pediu para te contar assim que eu o encontrasse.

Clara entrega uma foto para Jamaica deixando chocada.

CLARA: Eu espero que tu possa falar sobre isso com sua mãe, mas tente compreender o lado dela, ela tem medo de ser odiada por você.

JAMAICA: Por que eu a odiaria?

Jamaica encara a foto do seu irmão e ela chora.

JAMAICA: Meu Deus.

CLARA: Eu sinto muito.

Clara deixa o local, enquanto Jamaica encontra-se arrasada, ela não queria acreditar que aquilo fosse verdade.

Ela guarda a foto em sua bolsa e permanece pensativa.

CENA 9 – CASA DE LUNARA/BANHEIRO/INT./TARDE

Com a ajuda de Jocastro, Lunara tira a roupa de Aderbal, os dois colocam o velho embaixo da água gelada.

ADERBAL: Eu quero sair daqui.

Ele berrava enquanto se debatia, Lunara começa a chorar.

JOCASTRO: Está tudo bem. – Ele segura o braço dela. – Se tu quiser ir se limpar, tudo bem, eu termino aqui.

LUNARA: Obrigada.

Lunara deixa o cômodo.

Jocastro permanece dando banho em Aderbal enquanto o amigo continua reclamando.

CENA 10 – ANOITECER

Imagens da cidade ao som de “OUT OF THE WOODS – TAYLOR SWIFIT”.

CENA 11 – CASA DE LUNARA/SALA/INT./NOITE

Depois de já ter colocado Aderbal dormir, Jocastro permanecia na sala, enquanto Lunara logo aparece com uma bandeja com duas xícaras de café.

LUNARA: Eu realmente lamento ter que fazer tu passar por isso.

JOCASTRO: Tu sabe que eu não faço isso só por você.

LUNARA: Isso é muito errado.

Jocastro se aproxima e a beija.

JOCASTRO: Eu não acho.

Lunara se afasta um pouco.

LUNARA: Aqui não.

Jocastro sorri.

JOCASTRO: É verdade que tu vai pedir o divórcio?

LUNARA: Vou. – Ela suspira. – Aderbal tem se mostrado um homem de pouca virtude, não tem mais como insistir nesse casamento.

JOCASTRO: A Jamaica já sabe?

LUNARA: Ela sabe que eu quero deixá-lo.

JOCASTRO: Tu sabe que vocês são muito bem vindas em minha casa.

Jocastro beija Lunara, que dessa vez retribui, os beijos se intensificam, a porta se abre e foca o rosto de Jamaica incrédula com o que está vendo.

JAMAICA: Mãe!

Jamaica grita fazendo Jocastro e Lunara se afastarem abruptamente, os dois ofegantes e assustados encaram Jamaica.

LUNARA: Eu posso explicar.

JAMAICA: Pelo visto tu tem muita coisa pra explicar.

Jamaica começa a chorar, e Jocastro se levanta.

JOCASTRO: Acho que é melhor eu ir.

Jamaica dá passagem para ele passar e ir embora, agora fica apenas ela e sua mãe em cena.

LUNARA: Filha deixa eu explicar.

JAMAICA: Explica isso. – Ela entrega a foto de seu irmão para Lunara. – O que significa isso?

LUNARA: Eu tive um filho, eu era muito nova, eu não podia...

JAMAICA: Então o jogou fora?

Lunara começa a chorar.

LUNARA: Filha por favor, entenda...

JAMAICA: Me dá o número da Clara.

LUNARA: O que?

JAMAICA: Eu quero o contato da sua detetive, eu quero falar com ela.

Silenciosamente, Lunara vai até o balcão e pega um cartão e o entrega para Jamaica.

LUNARA: Eu só peço que...

JAMAICA: Que eu não faça bobagem né? O que mais tu ta escondendo de mim? Fala!

Lunara apenas chora, em seguida Jamaica deixa a sala.

A cena escurece.

CENA 12 – PRAÇA/EXT./NOITE

A cena volta após um breve hiato silencioso dando a impressão de uma breve passagem de tempo. O que poderia sugerir alguns minutos.

Jamaica está sentada em um banco, quando Clara aparece.

CLARA: Recebi sua ligação.

JAMAICA: Eu preciso do endereço do meu irmão.

CLARA: Tu poderia ter pedido na mesma mensagem que eu mandaria. – Ela faz uma expressão curiosa. – Tu me chamou aqui pra mais alguma coisa.

JAMAICA: Eu quero saber o que eu ainda não to sabendo. Minha mãe te contratou, faz quanto tempo?

CLARA: 2 anos.

Jamaica suspira.

JAMAICA: Faz quanto tempo que tu descobriu o paradeiro do meu irmão.

CLARA: Faz 1 ano, foi relativamente fácil já que ele nunca deixou a cidade onde nasceu.

JAMAICA: Por que eu só estou sabendo disso agora?

CLARA: Sua mãe nunca se sentiu confortável em contar isso pra ti, e pelo visto, ela não tava preparada ainda, ou tu se descontrolou com ela? Tu sabe que ela não tem culpa disso?

JAMAICA: Como não? Foi ela quem abandonou essa criança.

CLARA: Foi isso que tu entendeu, ou foi isso que ela te falou? Porque a verdade é que foi seu pai, foi o Aderbal que deixou a criança em um latão de lixo.

Jamaica fica chocada.

CLARA: Sua mãe vai visitar seu irmão duas vezes por semana, ela leva comida, leva roupa...

Clara pega um pequeno pedaço de papel e entrega nas mãos de Jamaica.

CLARA: Esse é o endereço.

Jamaica pega o papel e o guarda.

CLARA: Mais alguma pergunta?

JAMAICA: Não.

As duas seguem uma para cada lado sem nada mais a dizer.

CENA 13 – TRANSIÇÃO DE CENAS

Amanhece.

É possível ver cenas de Lunara indo dormir ao lado de Aderbal, um corte rápido para Jocastro em sua casa assistindo televisão, e Jamaica voltando para casa já de madrugada.

CENA 14 – CASA DE LUNARA/QUARTO/INT./MANHÃ

A cena ganha luz junto com o abrir de olhos de Aderbal, ele sente fortes dores de cabeça e é visível em sua expressão incomodada com a luminosidade vindo da janela. Ele levanta e fecha a cortina.

Agora ele encara Lunara ao lado do quarto, ela segurando a mala.

ADERBAL: O que significa isso?

LUNARA: Eu sinto muito Aderbal, não podemos continuar juntos.

Ela segue para sala, desorientado, Aderbal a segue.

CENA 15 – CASA DE REPOUSO/SALA PRINCIPAL/INT./MANHÃ

Jamaica chega ao local indicado onde poderia encontrar seu irmão, alguns velhos idosos eram cuidados por enfermeira, ela se dirige a uma delas e pergunta.

JAMAICA: Bom dia, eu gostaria de ver Vicente Delbravo.

A enfermeira a encara.

ENFERMEIRA: Tu é funcionária dos Delbravo?

Jamaica mesmo sem entender apenas confirma com a cabeça. Aquele estabelecimento era mantido com dinheiro da família Delbravo, uma rica e importante família que sempre esteve envolvida com ações sociais.

A enfermeira guia Jamaica até um quarto.

Ao abrir a porta Jamaica se depara com Vicente. É impossível não se chocar com o que ela vê. Em cima de uma maca lá estava ele, imóvel, ele não parecia mostrar nenhuma reação, seus braços e pernas eram torcidos para trás, o que tornava quase impossível sua mobilidade, e seu rosto totalmente desfigurado, com a arcada dentária toda saltada pra fora, impossibilitando a fala, sua língua ficava o tempo todo para fora. Um pano era colocado sobre seu peito, pois ele ficava babando o tempo todo.

Jamaica se aproximou, ainda chocada, ela puxa uma cadeira e senta ao lado de Vicente, ele vira o rosto e a encara, sua expressão, mesmo sendo praticamente estática pela mal formação, era possível notar que ele estava questionando quem era ela.

JAMAICA: Oi...

Ela suspirou, levou a mão com cuidado até o cabelo dele.

JAMAICA: Meu nome é Jamaica, eu sou sua irmã.

O choro torna-se mais constante.

JAMAICA: Eu não sabia que eu tinha um irmão, eu sinto muito por não ter vindo antes, eu sinto muito por tu ter que crescer nesse lugar.

Mesmo com o braço todo torcido para trás, algo que poderia até lembrar um filme de terror de possessão, Vicente consegue com muito esforço levar o braço até Jamaica e tocar sua mão.

As feições de Vicente podiam falar mais que palavras, era algo como se ele compreendesse o motivo dela estar ali, era como se ele soubesse que ela existia. Vicente chorou.

Num ato emocionante, Jamaica o abraçou.

JAMAICA: Eu ainda não posso, mas eu vou levar tu morar comigo.

Ela levanta, vai até a janela, Vicente a segue com os olhos.

JAMAICA: Eu sei, parece loucura eu querer te levar embora daqui, eu imagino que aqui tu recebe o melhor tratamento do mundo. – Ela ainda chora. – Mas tu tem uma família, eu sou tua família, e eu não quero que se sinta abandonado.

Vicente fechou os olhos, e chorou feito criança. Ele iniciou um choro alto, que fez a enfermeira entrar rapidamente.

JAMAICA: Eu não...

A enfermeira a leva para fora.

JAMAICA: O que aconteceu?

ENFERMEIRA: Eu sinto muito, ele é muito sensível, ele tem noção de tudo o que está em sua volta, mas não sabe lidar bem com as emoções. Raiva, tristeza, felicidade, emoção, qualquer sentimento é difícil pra ele, ele foi uma criança que viveu a vida inteira assim, agora ele tem quase 25 anos e nunca conviveu com ninguém.

Jamaica entristece com o que escuta, seu coração fica apertado, mas ela se segura para não chorar.

JAMAICA: Eu entendo. – Mesmo sabendo que não conseguia entender, não aceitava a crueldade de seus pais terem abandonado aquela criança. – Eu preciso ir agora, muito obrigada.

Jamaica deixa o estabelecimento, já do lado de fora, ela chora sem que ninguém possa ver.

CENA 16 – CASA DE LUNARA/SALA/INT./MANHÃ

Lunara chega na sala e Aderbal segura seu braço.

ADERBAL: Já chega dessa palhaçada, Lunara o que tu pensa que está fazendo?

LUNARA: Nosso amor acabou Aderbal, não tem mais como continuar isso.

Aderbal começa chorar, ele se ajoelha diante dos pés de Lunara.

ADERBAL: Eu prometo que vou mudar.

Lunara acerta um forte tapa no rosto de Aderbal.

LUNARA: Tu disse que nosso filho estava morto! – Ela grita com raiva. – Tu jogou ele num latão de lixo, eu descobri toda a verdade, nosso filho ta vivo! Ele sobreviveu todos esses anos.

Aderbal se choca.

ADERBAL: O que?

LUNARA: Isso mesmo, ele ta vivo. – Lunara chora. – E pensar que ele cresceu como se não tivesse pais, o que tu fez foi desumano.

Lunara deixa a sala indo em direção a porta da frente para enfim sair, incrédulo e ainda sem saber o que fazer, Aderbal age por impulso e acerta um vaso de vidro na cabeça de Lunara.

A mulher cai e acaba acertando a cabeça no canto da mesa de centro antes de finalmente chegar ao chão desacordada, uma poça de sangue se forma ao redor dela.

ADERBAL: Tu me forçou a isso.

Ele chora ao lado dela.

CENA 17 – CASA DE LUNARA/QUARTO/INT./MANHÃ

Aderbal pega as roupas que estavam na mala de Lunara e começa a guardá-las no guarda-roupa.

A cena segue ao som de “HONEYMOON – LANA DEL REY”.

CENA 18 – CASA DE LUNARA/SALA/INT./MANHÃ

A porta foi aberta revelando a entrada de Jamaica, a música corta no mesmo instante, ela choca-se ao ver sua mãe caída no chão.

JAMAICA: Mãe! Mãe!

Ela grita desesperada enquanto tenta acordá-la sacudindo-a levemente.

Ela pega o telefone e liga para a emergência, enquanto ela faz a ligação ao lado de sua mãe desacordada, Aderbal aparece no corredor e observa tudo em silêncio, ele espera ela desligar o aparelho e finalmente adentra no cômodo.

JAMAICA: Pai o que aconteceu?

Jamaica está nervosa, olhos chorosos e trêmula, enquanto Aderbal está frio, sua frieza assustava sua filha.

ADERBAL: Eu a matei.

JAMAICA: O que? Pai... – Jamaica chora cada vez mais alto. – Pai por que...

ADERBAL: Já chega, eu cansei de te ouvir me chamar de pai, eu não sou sei pai!

JAMAICA: Do que você está falando?

ADERBAL: Tua mãe e eu jamais deveríamos ter um filho juntos, tu foi adotada, só por isso te chamamos de filha, pra apagar a lembrança daquele menino que eu deixei no lixo.

Jamaica se levanta, com uma expressão de revolta que tomava conta de si, ela avança sobre seu pai e o golpeia várias vezes no rosto, ele segura seus braços e a joga no chão fazendo ela cortar as mãos nos cacos de vidro que estavam no assoalho.

JAMAICA: Tu é um monstro!

ADERBAL: Eu? Eu dediquei minha vida inteira pela sua mãe, eu ouvi ela ontem aqui na sala com o meu melhor amigo, tu acha que eu devo perdoar uma traição dessas?

JAMAICA: Porque, porque tu cometeu aquela atrocidade com o Vicente, por isso, só por isso ela nunca vai te perdoar.

ADERBAL: Vicente é o nome do aleijado?

Jamaica continua chorando, um misto de ódio e desespero faziam com que ela ficasse ofegante e ao mesmo tempo trêmula diante daquele homem.

ADERBAL: O que foi que ela disse? Que eu causei a deficiência nele por deixar ele pra morrer naquela lata de lixo? – Ele faz um sinal negativo com a cabeça. – Não mesmo minha filha, aquele menino nasceu aleijado, o médico disse que foi um milagre ele nascer vivo, mas não ia chegar aos 2 anos, eu fiz isso por amor! Eu joguei ele no lixo pra sua mãe não se apegar a ele, depois a morte seria algo mais difícil de enfrentar... E pior, e se ele sobrevivesse? A gente é uma família pobre, talvez aquele menino jamais pudesse caminhar, tu acha mesmo que a gente teria condições de criá-lo?

JAMAICA: Eu não posso ta ouvindo isso.

Com as mãos sobre o rosto, Jamaica encontrava-se perplexa. Ela tinha 23 anos, e nunca tinha visto a face maligna de seu pai, nunca pensou que ele fosse uma pessoa tão cruel.

JAMAICA: Tu é a pior pessoa que existe nesse mundo!

ADERBAL: Eu sou? A sua mãe insistiu pra gente ter um filho, eu falei pra ela que não ia dar certo.

JAMAICA: Como, como que tu já sabia? Me fala!

A câmera foca no rosto de Aderbal, o silêncio se faz presente por segundos, a respiração quebra o silêncio seguido de sua resposta.

ADERBAL: Nós somos irmãos.

JAMAICA: O que?

ADERBAL: A Lunara e eu somos irmãos, o Vicente nasceu todo deformado porque ele nasceu de um incesto.

Jamaica incrédula encara seu pai sem saber o que dizer.

A imagem congela.

CONTINUA...